

“E POSSO IMAGINAR QUE SOU PORCO”: DESINTEGRAÇÕES ALTERITÁRIAS A PARTIR DO TRAUMA DE GUERRA NO ROMANCE DE LOBO ANTUNES

Tatiana Prevedello ¹

RESUMO

A composição do romance *Até que as pedras se tornem mais leves que a água* (2017), de António Lobo Antunes, tem a peculiaridade de engendrar a obsessão de lembranças do período da guerra colonial em África, marcado pela violência geradora de traumas ainda não curados, além de elementos continuamente reiterados na obra ficcional do autor, como as evocações memorialísticas sobre a época. Nesse contexto, ao eleger como uma das linhas articuladoras do texto o antigo ritual português da matança do porco, o autor apresenta uma cena que nivela o colonizador, o sujeito colonial e o animal em um mesmo patamar, pois três corpos brutalmente abatidos estão subjugados pela violência deflagrada a cada um desses sujeitos: a matança do porco permeia a cultura e a tradição do interior de Portugal; um português, ex-combatente em Angola, é assassinado pelo filho adotivo africano, trazido de sua aldeia natal para Lisboa, há mais de quatro décadas, como uma espécie de condecoração de guerra; este, por sua vez, após assassinar ao “pai”, é executado pelos que presenciaram a cena com a mesma faca utilizada para matar o porco. A reflexão sobre alteridade, na perspectiva desenvolvida por Ricoeur em o si-mesmo como um outro, permite que seja desenvolvida uma análise sobre as projeções do “eu” e do “outro” que, no romance, podem ser contempladas tanto sob o viés humano quanto não-humano. *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, portanto, ao abordar o trauma de guerra, aparentemente impossível de ser curado, mesmo transcorridas várias décadas após as personagens terem deixado o campo de batalha, revela também a empatia do narrador pelo sofrimento animal ao apresentá-lo de forma nivelada à dor humana.

Palavras-chave: Alteridade; Guerra; Violência; Trauma; Lobo Antunes.

INTRODUÇÃO

O relato da filha de uma prima direta do patriarca retornado da guerra de Angola coordena a narração de uma espécie de breve prólogo do romance, apresentando, no dramático início do texto, as principais linhas articuladoras da trama narrativa, tingidas pelas pungentes cores da guerra, suas atrocidades externas e os traumas que a memória não silencia. O ex-alferes paraquedista, ao regressar a Portugal, trouxe consigo uma criança negra, o filho preto “que nunca foi seu filho embora o tratasse como filho e o preto o tratasse como pai” (ANTUNES, 2017, p. 11). Há uma forte tensão entre essas duas personagens, uma vez que o filho, ainda criança, presenciou em Angola atos de violência praticadas pelo pai adotivo, incluindo a execução de seu suposto pai verdadeiro e as violações sofridas pela mãe, que culminaram em sua morte trágica. O relacionamento entre o ex-combatente e o menino é

¹ Doutora em Letras - Estudos de Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: t_prevedello@hotmail.com.

marcado, sobretudo, por silenciamentos e, após a sua integração à família portuguesa, por toda a sorte de humilhações. Por ocasião da matança do porco, desencadeou-se, dez anos antes da cena narrada no prólogo pela filha da prima do ex-alferes, o assassinato do pai pelo filho: “conforme ninguém se lembra já do que sucedeu há dez anos na altura da matança do porco, quando o filho preto assassinou o pai branco com a faca ainda cheia de sangue do animal (...)” (ANTUNES, 2017, p. 12).

Até que as pedras se tornem mais leves que a água, como em todos os romances antunianos, apresenta personagens desprovidas de qualquer horizonte de expectativa em relação ao futuro, uma vez que estão submersas nas densas e turvas águas do passado, retraídas sobre os seus próprios sofrimentos. Nessa narrativa a culpa e a aparente impossibilidade de esquecer o passado recaem, principalmente, sobre estas duas personagens: o ex-alferes paraquedista português e o filho adotivo africano. Diante de suas misérias existenciais, as quais contabilizam flagelações identitárias, múltiplas fraturas e traumas, são continuamente assombrados pelos espectros da guerra, que permanecem inquietos na memória de ambos. As sobreposições memorialísticas que engendram, em perspectivas diversas, as lembranças tanto do pai quanto do “filho”, primeiro em contexto africano e, depois em Portugal, são estigmatizadas por toda a natureza de violências, o que impede o exercício da alteridade, uma vez que cada sujeito, absorto em seus traumas, volta-se apenas para as próprias dores.

ALTERIDADES DESINTEGRADAS EM *ATÉ QUE AS PEDRAS SE TORNEM MAIS LEVES QUE A ÁGUA*

A reflexão sobre a construção da alteridade, na perspectiva apresentada por Ricoeur em *O si-mesmo como um outro*, permite que seja desenvolvida uma análise sobre as projeções do “eu” e do “outro” que, no romance, podem ser contempladas tanto sob o viés humano quanto não-humano, uma vez que, continuamente, o narrador destaca a empatia das personagens sobre o sofrimento animal, utilizando as circunstância que envolvem a violência no processo abatimento do porco, para encadear suas reflexões sobre a guerra e desumanização dos indivíduos: “(...) a escutarem os gritos do bicho que vão se tornando mais humanos, mais fracos (...) o meu pai e o meu irmão a esquartejarem o porco e dividem-lhe a carne (...)” (ANTUNES, 2017, p. 355).

Ao discutir a dialética da alteridade narrativa em *O si-mesmo como um outro*, Ricoeur justifica a importância da “hermenêutica do si” sobre a configuração identitária do sujeito, que não se expressa mais como um “eu”, mas como um “si”, portador de uma identidade reflexiva, que se revela e constitui na dimensão temporal e, ao mesmo tempo, não permite se elevar de forma instantânea ou se edificar como uma certeza estável e definitiva em relação à realidade.

Observa-se, assim, que os sujeitos ficcionais construídos por Lobo Antunes, de forma geral, estão em contínuo conflito com a sua configuração identitária, pois não se reconhecerem na identidade narrativa por meio da qual são elaborados e, de modo insistente, o questionamento “quem sou eu” se apresenta no texto antuniano.

Em *Até que as pedras se tornem mais leves que a água* o conflito que se instaura entre as memórias de um ex-alferes paraquedista, o qual serviu a Portugal na guerra colonial em Angola, impede que o mesmo, após transcorridos mais de quarenta anos, esqueça o passado, principalmente o episódio que se relaciona à execução dos pais da criança africana que, por conseguinte, veio a adotar. De maneira análoga a respectiva cena é reiterada pelas lembranças do filho adotivo africano que, também, intercala ao presente as cenas que presenciou durante a guerra, em África.

Lobo Antunes, ao eleger a tradição familiar da matança do porco, como eixo articulador das ações desenvolvidas na narrativa de *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, ocupa-se em operacionalizar um intercâmbio de projeções alteritárias, mediadas pela violência extrema, nas quais existe a assimilação da dor do outro, independentemente de ser o colonizador ou o sujeito-colonial, o humano ou o animal. O texto, portanto, ao abordar o trauma de guerra e sua aparente impossibilidade de cura, mesmo transcorridas várias décadas após as personagens terem deixado os campos de batalha em África, revela a empatia do narrador pelo sofrimento animal, ao questionar os princípios que regem às tradições, pois apresenta o mesmo de forma nivelada à dor humana.

As personagens demonstram sentimentos ambíguos em relação ao abate do animal, uma vez que cumprem a tradição, sacrificando-o, ao mesmo tempo que demonstram sensibilizar-se com o seu sofrimento:

-Queres ver o porco

mais nova que eu dez anos, em criança tinha um olho torto, a mãe dela fez uma promessa e passou-lhe, **não quero ver o porco agora, posso afeiçoar-me**, só no domingo quando o trouxeram desconfiado, a fungar, há pessoas a jurarem que os porcos mas não vamos entrar por aí, **há pessoas a jurarem que os porcos são iguaizinhos à gente** só que não vejo em quê, amarram-se-lhes as patas de trás, amaram-se lhes as patas da frente, penduram-se do gancho, entregam-nos a faca,

descobrimos a artéria e começa-se sem nenhuma rádio por perto (ANTUNES, 2017, p. 59, grifos nossos)

Sob o ponto de vista das personagens que acompanham o ritual, a alteridade humana aproxima-se a do animal, uma vez que, inicialmente, a desconfiança e a tensão que antecedem aos preparativos para o abate aparentam ser expressas pela vítima que será sacrificada, razão pela qual a filha mais nova do ex-combatente português, em princípio, recusa-se a ver o porco, temendo afeição e expressa um posicionamento que demonstra a perspectiva do nivelamento entre o humano e o não-humano: “há pessoas a jurarem que os porcos são iguaizinhos à gente”. Embora essa igualdade seja, em seguida, questionada pela narradora, cada ação executada para o abate apresenta-se, no contexto da trama, como uma analepse que encadeia o presente da narrativa às memórias da guerra colonial. A sobreposição de tempos narrativos pelas vias da refiguração memorialística (RICOEUR, 2010), técnica característica da ficção de Lobo Antunes, em *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, abre-se para a mais contundente reflexão sobre a alteridade humana e não-humana, sob o ponto de vista da dor e do sofrimento, uma vez que, cada ação de violência que é infringida contra o porco, abre uma intersecção temporal que projeta o pai, o ex-combatente português, e o filho adotivo africano, para o cenário das dizimações produzidas pelas guerra:

Quando penso que **amanhã vão trazer o porco para a adega** empurrando-o da furgoneta com varas e canas, gordo, gordo, a cair no cimento sujo de lama do chão, **a tentar libertar-se das cordas, a tentar morder-nos, a tentar impedir-nos de lhe amarrarmos as patas ferindo-nos com as unhas**, de o pendurarmos no gancho girando a roldana e principiando a trazer as vasilhas para junto da mesa e as facas enquanto, pela janela aberta, via a prima do meu pai sair do nosso jazigo depois de o limpar, de cabeça amarrada num lenço e por cima dela, muito alto, os pássaros da serra, de asas horizontais, pairando imóveis sobre as mimosas, quando **penso na morte do porco eu que não me recordo quase nada de África** para além dos tiros (...) (ANTUNES, 2017, p. 261, grifos nossos).

No excerto transcrito podemos observar como a gradação das ações abrem intersecções espaços-temporais, que coadunam a tensão do presente, figurada nos elementos que demonstram a resistência do animal em relação a expectativa do seu abate, às memórias traumáticas do passado colonial em África, sobre as quais o narrador afirma já estarem evanescidas, mas, todavia, o que se observa é que as mesmas pulsam latentes em sua consciência. A empatia com a qual as vozes narrativas vislumbram o sofrimento do animal, sem, contudo, intervir a favor de sua vida ou romper com a tradição da matança, demonstra o quanto todas estão subjugadas pela inexorabilidade dos condicionamentos existenciais que pairam sobre as suas vidas. Nesta perspectiva, ao encadear todas as tensões que se abrem

diante da expectativa da morte, a luta resistente contra os seus algozes, ao ser encaminhado para o abate, assim como os gritos de dor emitidos pelo porco, o narrador nivela o sofrimento animal ao humano, uma vez que, cada cena que remete à matança do porco, funciona como um dispositivo que, gradualmente, amálgama às memórias da guerra em África ao trágico desfecho que culminou no assassinato do pai pelo filho adotivo.

Embora o destino de ambas as personagens principais seja conhecido pelo leitor deste o capítulo inicial, que funciona como uma espécie de prólogo narrado pela filha de uma prima do ex-alfere paraquedista, este “falso spoiler” (ANGELINI, 2018, p. 98), não antecipa a densidade do conflito abarcado em *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, uma vez que é a construção do percurso da narrativa, a qual nos conduz a um profundo movimento de imersão na consciência das personagens, nos mostrando o espelhamento dos jogos alteritários entre o humano e o não-humano, nivelados pelas atrocidades da violência, seja na guerra ou em nome da tradição.

Ao buscar nivelar a dor do animal a ser ritualisticamente abatido ao sofrimento humano a violência da morte gera, na maioria das personagens, empatia. Embora admitam a importância desta tradição portuguesa, a qual une à família desde tempos imemoriais, constantemente expressam o desconforto que o ato lhes causa: “lembro-me de chorar da primeira vez que assisti, do meu pai substituir um alguidar cheio de sangue por um alguidar vazio, de pingos na minha blusa, nos meus calções, nos meus braços, dos gritos que me ensurdeciam enfraquecendo a pouco e pouco (...)” (ANTUNES, 2017, p. 421). A voz narrativa tangencia, por intermédio de um veemente discurso, o qual denuncia os horrores da guerra em África, o nivelamento alteritário que, em inúmeras passagens, já não estabelece uma distinção precisa entre o humano e o animal.

(...) o meu pai que não gostava de mim, me usava na esperança de que gostasse dele, **o meu pai ao mesmo tempo ele e o porco que comia, comia, o porco que matava amanhã como matou em África as pessoas e as cabras**

-Queima queima

como me contou que assistiu a polícia política a matar prisioneiros, como se calhar ajudou a matá-los, como amanhã vai cravar a faca e escutar os gritos, os gemidos, os pingos lentos das lágrimas (...) (ANTUNES, 2017, p. 192, grifos nossos)

Conforme o excerto transcrito, o qual amalgama memórias advindas de diferentes tempos que se confrontam e se sobrepõem de uma maneira quase indistinta, podemos observar que as lembranças e percepções acerca da matança do porco remetem, de forma incontornável, às experiências vividas na guerra em África, as quais confrontam as

personagens em um incessante jogo alteritário, que instaura uma relação dialética inexorável entre o homem e o porco, o humano e o não-humano.

Em *Até que as pedras se tornem mais leves que a águas* podemos identificar que os aspectos relacionados à nacionalidade e a descendência, sobretudo, tanto do ex-combatente português como do filho adotivo africano são os principais suportes identitários, que asseguram a manutenção da *mesmidade* dos sujeitos, que se inscreve no tempo narrativo. Assim, do mesmo modo que a condição de homem branco, de nacionalidade portuguesa, o qual representa o papel metonímico de opressor colonial irá subsistir na construção identitária do ex-alfere paraquedista, o seu filho adotivo africano, negro, carregará o seu *status* étnico e cultural, como um estigma que subjugou o seu povo às mais atroz violências e permanece impresso, em sua pele e em seu espírito, como um elemento corrosivo, responsável por todo o preconceito sofrido no decorrer de sua existência. O fato de ter sido adotado por um homem branco, português, o qual procurou criá-lo como filho legítimo e tratá-lo com imparcialidade no seio da família que veio a constituir, não altera os elementos primordiais que configuram o seu *eu*, processo segundo o qual Ricoeur entende a identidade como permanência.

Seguindo esse fio norteador concernente aos princípios imanentes que configuram as representações identitárias veremos que, nesta narrativa, é a condição da *mesmidade* que irá ser a responsável por desencadear as transformações que se operam, sobretudo, na consciência das personagens. Os traumas que jamais são superados, uma vez que o filho adotivo não esquece as cenas brutais que presenciou, quando sua aldeia foi atacada e seus pais executados de forma cruel. Do mesmo modo, o antigo combatente português, que participou do ataque à aldeia, mesmo resgatando o menino africano órfão como uma forma de, talvez, aliviar a sua consciência, no decorrer da vida, segue em tratamento terapêutico. Todavia, não esquece os traumas da guerra, cujas imagens, mesmo transcorridas mais de quatro décadas, não silenciam em sua memória.

No ritual da matança o porco, primeiramente preso e, depois amarrado para ser conduzido ao abate, na iminência da morte rebela-se contra seus algozes, movendo-se com resistência. Ao ser transpassado pela lâmina afiada que lhe ceifa a vida, emite gritos dilacerantes, o que funciona como um dispositivo que irá trazer à tona as reminiscências dos combates bélicos do passado, de maneira que ambos indivíduos envolvidos na cena de guerra, passam por um processo de zoomorfização, no qual o homem e porco se confundem de uma maneira quase indistinta: “(...) e posso imaginar que **sou porco**, imaginar por um momento que **sou porco**, talvez me pendurem no gancho mas quem trará a faca faz o obséquio de me espetar na garganta, qual soldado ressentido comigo (ANTUNES, 2017, p. 60, grifos nossos).

Em consonância com Ana Paula Arnaut (2012, p. 104), a zoomorfização, além de caracterizar diversas categorias de desumanização, “intensifica-se quando, numa técnica de (con)fusão frequente nos romances de António Lobo Antunes, o real e o simbólico se tornam praticamente indiscerníveis”. A indistinção entre o real e o simbólico, referida por Arnaut, pode ser observada, com precisão, neste excerto:

e eu o muana dos dois, a mulher do meu pai sem me tocar, compreendendo a filha, a filha do meu pai compreendendo, **degolem-me o pescoço sobre o pescoço dele, encham as minhas tripas conforme enchem as suas, cozinhem-nos, comam-nos, ofereçam as nossas patas a um vizinho, os nossos braços a outro**, não me coloquem no cemitério convosco, larguem o que sobrar aqui e vão se embora depressa esquecidos da gente talvez, calunga, que os mabecos e as hienas e esses pássaros brancos de bico curvo a chegarem por fim, a aldeia tão deserta como o quimbo de onde venho (...) (ANTUNES, 2017, p. 301-302, grifos nossos)

A reprodução da voz narrativa do filho adotivo mostra que o seu “eu” original africano, atravessado pela violência e pelos traumas da guerra, permanece inalterado. Desse modo, a percepção acerca do sofrimento do porco, conduzido ao abate, e do homem, que assiste a violência da execução, interseccionada pelos diversos planos memorialísticos que remetem às experiências da guerra, confundem-se de tal forma que a personagem, como explica Arnaut, zoomorfiza-se em sua consciência, a ponto de reivindicar para si, em tom imperativo, o mesmo processo ao qual o porco é submetido, conforme a tradição, no ritual da matança: ser degolado, ter as tripas enchidas, cozinhado, comido e ter outras partes, fraternalmente, distribuída entre os vizinhos. Há, neste apelo, um embate interno que está profundamente relacionada com a condição da *mesmidade*, a qual se refere Ricoeur, pois o filho adotivo africano não assimilou a imposição da identidade portuguesa e, portanto, como condição final, não deseja que seus restos mortais repousem no mesmo cemitério onde jazem os demais membros da família. Como espectador da matança do porco, sempre sentiu o mesmo desespero reprimido e a impotência diante da crueldade, tal como se sucedeu em África, ao presenciar o massacre de sua aldeia: “todos os anos um animal diferente claro e o animal de todos os anos a comer, a comer, nos primeiros tempos os gritos assustavam-me, apetecia-me gritar também e não era capaz conforme **não era capaz de gritar em África enquanto arrancavam orelhas e cortavam mãos (...)**” (ANTUNES, 2017, p. 190-191, grifos nossos).

O tempo narrativo linear de *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, a exemplo de muitos outros romances de Lobo Antunes, embora transcorra em um breve período que antecede o ritual da matança do porco até a execução do pai pelo filho e, deste,

pelos que assistiram à cena trágica, amálgama, no âmbito memorialístico, as tensões latentes há mais de quatro décadas: “E esta noite, conforme tantas vezes **desde há quarenta e três anos, tornei a sonhar com África**” (ANTUNES, 2017, p. 13, grifos nossos). É a África, jamais esquecida pelo ex-alferes paraquedista que o conduz, tal como o porco, ao abatedouro; é a África, inapagável da memória do filho, que o nivela, em sua consciência, ao animal. Na narrativa o olhar de aflição do porco, nos momentos que antecede a sua execução, a resistência de seus movimentos ao ser dominado, os gritos que entoa, quando a lâmina trespassa a sua garganta, embora estejam revestidos de realismo, funcionam como um dispositivo que irá acionar, tanto no pai como no filho, o evento trágico que os uniu em África, a partir do trauma incurável que os acompanha no decorrer das décadas. Podemos observar, assim, que todos os elementos que se engendram a partir da matança do porco, no que tange aos aspectos identitários das personagens, provocam essa fusão entre o humano e o animal. Quando a dor do porco é percebida e problematizada por diversas vozes, pai e filho se zoomorfizam em um embate violento, análogo às cenas de África que ecoam em suas memórias, e expiram, juntamente com porco, executados pela mesma faca que extinguiu a vida do animal.

A cena que abre a breve espécie de prólogo de *Até que as pedras se tornem mais leves que a água* é narrada pela filha de uma prima já falecida do ex-alferes paraquedista, a qual se tornou a guardiã dos mortos: “**sou eu que tomo conta do jazigo do primo da minha mãe** no cemiteriozinho pegado à primeira colina da serra desde que ela faleceu (...), e **lá estão ambos, o pai branco e o filho preto**, para além de dois ou três parentes mais antigos que desconheço quem pudessem ter sido” (ANTUNES, 2017, p. 12, grifos nossos). Desde o princípio do romance, portanto, conhecemos o desfecho trágico do texto, cujo ápice do enredo resultou em três corpos brutalmente abatidos, - um porco e o dois homens -, os quais encontram-se nivelados na mesma condição abjeta, subjugados pela violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cena final do prólogo, narrada pela filha da prima do ex-alferes, é reproduzida, de forma cíclica no texto e utilizada para encerrar o romance sendo desta vez, contudo, apresentada pela voz do filho: “apesar de meu pai no chão de cimento e eu de joelhos ao pé dele, quase a abraçá-lo, até os guardas chegarem, enquanto de repente **março batia os caixilhos da janela aberta**” (ANTUNES, 2017, p. 454, grifos nossos). O caráter emblemático desta cena ter seu desfecho durante o ritual da matança do porco, mostra, sob

uma perspectiva, a empatia que vai sendo apresentada pelos personagens, concernente ao sofrimento do animal que, angustiado, antevê o seu sacrifício e grita, agonizando de dor, ao ser abatido. Sob outro viés a indistinção entre o humano e o não-humano vai sendo construída no decorrer da narrativa, à medida que todo o processo que compõe o ritual da matança, incluindo a tradição familiar e os conflitos que vão sendo desvelados a partir deste núcleo. O deslocamento para a aldeia, a fim de preparar o animal para o abate, funciona como um mecanismo que aciona as reminiscências de um passado colonial e todo o sofrimento que subjaz tanto no espírito do pai quanto do filho, incapazes de libertarem-se de seus traumas e profundas dores psicológicas.

Concernente aos aspectos identitários do pai, ex-combatente português, e do filho negro angolano, podemos verificar, conforme atesta Ricoeur (1991) em *O si-mesmo como um outro*, um processo de manutenção da *mesmidade*, uma vez que a condição do caráter original das personagens não se altera em sua consciência. O filho jamais deixa de habitar a África em suas reminiscências e os traumas que presenciou não se apagam. Da mesma forma, foi impossível, na condição de sujeito colonial assumir, por via da adoção, a identidade portuguesa, pois sua presença sempre desestabilizou as relações familiares e sociais que veio a integrar, de modo que o pai, desde o início, foi advertido por todos sobre a possibilidade do filho, que presenciou o massacre da família, vir, no futuro, a se vingar. Por sua vez, o ex-alferes paraquedista, também sofre, no decorrer de todas essas décadas, o trauma da guerra. Mesmo submetido às sessões terapêuticas, toda a semana, o trauma não pode ser curado e as imagens do conflito bélico são, obsessivamente, reiteradas em sua consciência, num visível processo de compulsão à repetição, tal como nomeia Freud (2010).

A simbologia do ritual da matança do porco, embora esteja revestida do mais profundo realismo, é responsável por criar nas personagens as projeções alteritárias, uma vez que o sofrimento do animal é o dispositivo que aciona o mecanismo da recordação, por meio do qual pai e filho regressam aos horrores da guerra. Desse modo, ambos se veem reduzidos, por meio da zoomorfização, à condição animal e já não mais se reconhecem como humanos. Nesse ponto, percebe-se que, no decorrer da narrativa, vai se organizando uma cumplicidade na consciência do pai e do filho. O crime, minuciosamente calculado no durante longos anos, que se reveste sob a forma de vingança, sempre fora pressentido pelo pai e recebe uma espécie de atestado de condescendência, pois resigna-se ao assassinato. A vingança, na verdade, é a fórmula encontrada para ambos exorcizarem a condição que os oprime, marcada por traumas incuráveis de um passado impossível de ser silenciado, o qual jamais suspende a sua reprodução em suas consciências. Estabelece-se, assim, uma relação de cumplicidade

entre o pai, que se deixa assassinar, e o filho que mata para, em seguida, também ser executado, no mesmo cenário onde o porco foi abatido. Jazem, por fim, os três nivelados na mesma condição, que se apresentou como a única forma de vir a libertá-los.

REFERÊNCIAS

ANGELINI, P. R. K. Em nome do pai: ventriloquismo e subalternidade em *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, de António Lobo Antunes. **Veredas**: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 29, p. 95–112, jan./jun. 2018.

ANTUNES, A. L. **Até que as pedras se tornem mais leves que a água**. Lisboa: Dom Quixote, 2017.

ARNAUT, A. P. **As mulheres na ficção de António Lobo Antunes**: (in)variantes do feminino. Alfragide, Texto Editores, 2012.

FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (*dementia paranoides*) relatado em autobiografia (“O caso Schreber”, 1911)**: artigos sobre técnica e outros textos. (1911-1913). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 10.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Trad. Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.